

INTERVENÇÃO DO MINISTRO DA DEFESA, CELSO AMORIM, NA REUNIÃO PLENÁRIA DO CONSELHO DE DEFESA SUL-AMERICANO

Lima, 28 de novembro de 2012

Obrigado pela presença, obrigado por aqueles que apoiaram nosso pedido. É muito importante, sobretudo depois do que nós ouvimos aqui, fazer alguns comentários sobre a situação estratégica da América do Sul. Tenho dedicado um bom tempo do meu trabalho à reflexão sobre essa situação estratégica. Acho que ela merece nossa atenção. Gostaria de dizer duas ou três coisas, algumas delas até já repetindo coisas que disse antes, mas que me parecem importantes.

Todos nós concordamos que na América do Sul – e quando falo em América do Sul não me limito só ao português e ao espanhol, mas também aos que falam inglês porque são partes da nossa região e do nosso entorno estratégico – o nosso objetivo maior é criar uma zona de paz e cooperação. Eu diria mesmo, sendo um pouquinho acadêmico, que queremos que a nossa América do Sul seja aquilo que Karl Deutsch, cientista político norte-americano, chamava de uma comunidade de segurança, isto é, uma zona onde a guerra se torna inconcebível. Daí decorrem várias decisões importantes que o nosso país tem que tomar e também decorre a percepção de outras decisões que tem que ser tomadas.

A construção dessa zona de paz e cooperação é talvez o objetivo principal da América do Sul. E para isso nasceu o Conselho de Defesa Sul-americano. Para dirimir desconfianças, para criar entendimento, para facilitar o diálogo. Tudo o que nós fazemos é muito importante – eu não quero absolutamente diminuir a importância do que está sendo feito – para caminhar nesse sentido. É claro que desenvolver cadeias produtivas na área de defesa é bom, mas é melhor ainda porque isso nos aproxima a todos, e cria o clima de confiança entre nossos países. Essa criação da zona de paz e segurança, em que o conflito armado é praticamente banido do processo de mudança da região, é algo extremamente importante. Este é o ponto principal.

Eu costumo dizer que quando nós tratamos da defesa de um país ou de uma região há dois elementos básicos: a dissuasão e a cooperação. Mas no caso da América do Sul, para dentro, o que nos interessa é a cooperação. Até porque a cooperação é a melhor dissuasão. Países que cooperam entre si, países que trabalham juntos, países que fazem exercícios juntos, são países que muito dificilmente recorrerão a um conflito armado para resolver suas diferenças. Esse é um elemento essencial e de muita importância.

O outro elemento foi, de certa maneira, abordado pelo professor, ministro e mestre Alí Rodrigues ao se referir à defesa dos nossos recursos naturais. De quem estamos defendendo os nossos recursos naturais? É muito importante ter claro que, na defesa dos recursos naturais, nós não estamos vendo este ou aquele país, essa ou aquela superpotência, ou outra potência qualquer. O que nós temos que desenvolver é a capacidade dissuasória para que, na eventualidade, que não podemos excluir, de um conflito entre terceiros países, a nossa região venha a ser objeto de algum tipo de cobiça internacional, e, portanto, de algum gesto de agressão.

Essa concepção, que tenho resumido dizendo que é a cooperação para dentro e a dissuasão para fora, é muito importante. Ela condiciona também a maneira de encararmos as nossas próprias

necessidades de defesa. Eu vejo que vários de nossos países têm, e é legítimo, uma grande preocupação com a ideia de uma corrida armamentista na América Latina ou na América do Sul. Mas é preciso ter presente que as defesas que se fazem necessárias hoje para a nossa região como um conjunto e para alguns de seus países não são contra um vizinho, uma vez que o nosso objetivo principal é justamente terminar com a possibilidade de um conflito armado dentro da região. As defesas necessárias são, isso sim, a capacidade de nos defendermos de ameaças externas. Ameaças que parecem longínquas hoje, mas que podem se materializar.

Eu não quero me estender muito sobre a natureza dessas ameaças, nem creio que seja o caso de fazê-lo aqui. Mas, vejam bem, nós estamos muito longe de um mundo totalmente pacífico, de um mundo onde o conflito tenha sido banido. Nós temos visto as situações no Oriente Médio, na África. Do ponto de vista do Brasil, que é um país que compartilha o Atlântico Sul, perigosamente vemos essas situações chegarem perto do Atlântico Sul. Para darmos um exemplo: a situação do Mali, que não um país que tem litoral, mas que se aproxima do litoral, em que se fala, inclusive, de uma possível intervenção militar de uma organização internacional. Tudo isso coloca problemas que têm que ser analisados.

Nós não podemos traçar uma estratégia de defesa da América do Sul pensando apenas nos nossos vizinhos, nem pensando em uma única superpotência ou em outra superpotência. Nós temos que pensar no que pode ocorrer num conflito que está fora do nosso controle, mas que pode chegar a nos afetar. Essa percepção, para mim, é muito importante. E eu não creio que caiba a ninguém, muito menos a nós do Brasil, impor uma única percepção. Mas acho que o espaço para nós discutirmos essas percepções, o espaço para nós discutirmos as nossas estratégias, o espaço para nós discutirmos as nossas políticas de defesa, tem que ser criado.

Sem nenhuma pretensão de impor uma doutrina sobre outra, sem nenhuma intenção de traçar de cima para baixo uma doutrina para toda a América do Sul, temos que confrontar as várias estratégias nacionais que os nossos países desenvolvem e tirar delas elementos comuns.

Digo isso porque no Brasil – como, aliás, os outros países já fizeram, o Brasil não é o primeiro na América do Sul – recentemente fizemos o nosso *Livro Branco de Defesa Nacional*. O *Livro Branco* é, sobretudo, um exercício de transparência para a sociedade, mas também uma transparência para os vizinhos, para os nossos parceiros internacionais.

A base do *Livro Branco* são dois outros documentos: uma *Política Nacional de Defesa* e uma *Estratégia Nacional de Defesa*. Recentemente, fomos convidados a apresentar o *Livro Branco* e a *Estratégia Nacional de Defesa* em dois centros: em Washington, no contexto do Colégio Interamericano de Defesa, e na França, que está preparando o seu próprio livro branco de defesa. Isso é bom, isso é muito interessante. Mas não seria muito mais interessante para nós se todos tivéssemos uma ocasião de cada um ouvir a experiência dos outros? Como eles chegaram a determinadas conclusões? Por que na estratégia nacional de defesa de determinado país, digamos, o aspecto aeroespacial ganha tanta importância? Por que para outro país essa importância não é tão grande? Por que certo país atribui uma grande importância à defesa do seu mar territorial, das suas águas jurisdicionais? Enfim, todas essas questões, e como eles estão fazendo isso.

Temos que ouvir de cada um qual é a estratégia que cada país está desenvolvendo. A partir daí, acho que deveríamos estabelecer ou ao menos ter a preocupação de traçar uma estratégia para o conjunto – talvez o Centro de Estudos Estratégicos de Buenos Aires seja uma oportunidade para fazer isso. Com base do que nós formos capazes de ouvir e entender, utilizando o que existir em comum, e discutindo inclusive os pontos de diferença, aí, sim, chegarmos a uma estratégia sul-americana que será formadora da nossa identidade.

Então eu queria – e isso não deixa de ser uma proposta – criar um foro para discussão das

estratégias nacionais de defesa, de livros brancos, de políticas, o que cada país quiser. Os que não têm estarão sendo incentivados a desenvolver para poder explicitar as preocupações que têm. Qual a preocupação maior? É a pirataria? É o narcotráfico? É a eventualidade de uma guerra entre terceiros países, inclusive até envolvendo armas nucleares? Eu não sei. Nós temos que discutir essas questões.

Eu acho que é preciso ter um foro e um foco para essas discussões. Porque, muitas vezes, questões que nós levantamos, que dizem respeito ao nível de armamento, ao tipo de armamento que temos, têm a ver com isso. O Brasil, por exemplo, quando procura desenvolver uma aviação de caça de última geração não está preocupado com os vizinhos da América do Sul. Com os vizinhos da América do Sul temos paz, queremos cultivar e aprofundar a paz. Está preocupado com o que pode acontecer envolvendo outras potências.

Eu não posso excluir que amanhã uma disputa entre A e B pela pesca no Atlântico Sul venha a ter influência no mar do Brasil, como pode ter no da Argentina ou em outro lugar qualquer. A mesma coisa no Pacífico. Nós somos detentores da maior quantidade de água doce do mundo. E quantas vezes nós vemos em foros internacionais esses recursos, que são nossos, serem chamados de “*global commons*”, como se eles pertencessem ao conjunto da humanidade? Qual será nossa estratégia – que não é só militar, é uma estratégia política, diplomática, mas também militar – para proteger esses nossos recursos?

Eu sinto um pouco de falta – talvez por ser relativamente novo nesse foro –, de um espaço em que nós possamos ter uma discussão sobre questões verdadeiramente estratégicas. Mas para que esse espaço exista, e para que ele também não se torne um debate repetitivo, seria muito importante que nós tivéssemos um foro – eu estou sugerindo aqui um, mas sem a permissão do meu querido amigo Arturo Puricelli –, que poderia ser o Centro de Estudos Estratégicos de Buenos Aires. Ele poderia ser também em outro lugar, como o Equador, que é a sede da Unasul. Países que já têm, podem falar de seus livros brancos; países que não têm, ouvirão dos outros, o que sempre será algo interessante. Esse é um ponto.

E para não me estender muito nessa intervenção, vou aproveitar e mencionar outra questão importante. É uma discussão que já vinha ocorrendo. Eu confesso até que ignorava que essa discussão existia, quando fiz uma referência a ela no encerramento do Curso Avançado de Defesa Sul-Americano, que teve lugar no Brasil, no Rio de Janeiro. É a questão do Colégio Sul-Americano de Defesa. Eu acho que chegou o momento de nós pensarmos seriamente em termos um Colégio Sul-Americano de Defesa. Respeito o Colégio Interamericano, acho que há um papel para ele. Acho, por exemplo, que é um foro onde nos encontramos com outros amigos caribenhos, centro-americanos, onde aprendemos também questões e ensinamentos importantes dos nossos amigos norte-americanos e canadenses. Mas não tem cabimento, se nós queremos formar uma identidade sul-americana, que não tenhamos um Colégio Sul-Americano de Defesa. Agora, e aí vem a minha sugestão, não para resolver hoje, mas talvez para criar um grupo de trabalho que possa analisar isso em detalhe.

Em vez de nós ficarmos disputando entre nós todos onde deve ser a sede do Colégio Sul-Americano de Defesa, por que não aproveitamos as iniciativas que já existem, e outras que possam vir a ser sugeridas, para fazer algo novo? Nós estaríamos inovando também na América do Sul. Sem pretensões de hegemonia, sem pretensões de centralizar nada. Nós estaríamos fazendo um Colégio Sul-Americano de Defesa que fosse, na verdade, o somatório de várias iniciativas, como o Centro de Estudos Estratégicos de Defesa na Argentina, o curso que está se realizando no Brasil (CAD-Sul), algum outro curso que possa se realizar por um aspecto específico, naval, por exemplo, em outro país. E nós teríamos, talvez, na própria sede da Unasul, uma instância que acompanhasse, monitorasse, sem pretensão de controlar.

Acho que um dos fatores da nossa grande riqueza é a pluralidade. E a pluralidade deve ser mantida. Nós temos ideias diferentes sobre a organização da sociedade, temos ideias diferentes sobre a melhor forma de inserção no mundo. Mas queremos procurar nisso uma unidade, uma identidade. Acho, então, que poderíamos ir trabalhando com essas várias iniciativas que já existem, com outras que possam ser criadas, e talvez reforçando um pouco a Secretaria da Unasul. Porque a Secretaria da Unasul, que eu saiba, não tem, por exemplo, assessores militares. Eu estava vendo outro dia: nós temos cerca de 40 oficiais em Washington e nenhum em Quito. Temos nossos adidos militares que realizam a parte bilateral. Então eu acho que seria o caso de pensar, e nós estaríamos dispostos a procurar, no caso do Brasil, um oficial de Estado-Maior que possa também estar presente, juntamente com outros de outros países, assessorando a Secretaria, assessorando o doutor Alí Rodrigues, ou quem estiver na presidência do CDS, na própria sede da Unasul.

Essas são as colocações que eu queria fazer, senhor presidente. Agradeço muito a deferência. Obrigado.